

## 13º DOMINGO APÓS PENTECOSTES

### TEXTO: DEUTERONÔMIO 30.15-20

#### TEMA DO DIA

Ao estudarmos os textos da Trienal C para este final de semana podemos notar que Deus coloca diante de nós e de nosso povo duas realidades totalmente distintas: a vida e a morte. A primeira está atrelada ao temor a Deus e à confiança nas graciosas promessas que nos são reveladas em sua Santa Palavra. A segunda realidade pode ser entendida como um fim trágico, contrário à vontade de Deus e está reservado aos descrentes.

#### LEITURAS INDICADAS

O **Salmos 1** tem sido considerado como um prólogo prático de todo o Saltério. Embora alguns atribuam sua escrita a Davi, seu verdadeiro autor é desconhecido. Este salmo pertence aos assim chamados “Salmos de sabedoria”, que possuem uma natureza didática e têm como característica a glorificação da Lei (*Torah*) em seu sentido mais amplo<sup>1</sup>. O seu conteúdo é profundo e coloca lado a lado a realidade presente e futura daqueles que são classificados pelo salmista como “justos” e “ímpios”<sup>2</sup>. Os justos, que temem ao Senhor, são comparados às “árvores plantadas junto à corrente de águas” (v.3). Para esses, Deus faz promessas maravilhosas de paz e prosperidade. Porém, os ímpios são como “palha que o vento dispersa” (v.4). Eles não prevalecerão diante do Juízo de Deus e o seu caminho perecerá, ou, como diz a NTLH, o seu fim será “a desgraça e a morte” (v.6).

Logo no início do salmo, Deus diz que aqueles que se afastam da maldade e cujo prazer está na sua Lei são “bem-aventurados” (אֲשֵׁרִי). Esta expressão está carregada de significado em todo o texto bíblico. Na literatura sapiencial, são chamados de “bem-aventurados” aqueles que confiam no Senhor e guardam a sua Palavra<sup>3</sup>. Estes desfrutam da comunhão com Deus e recebem dele o perdão e a verdadeira felicidade, tanto neste mundo como na eternidade. Por fim, vale ressaltar que duas recomendações práticas são feitas neste

---

<sup>1</sup> Fazem parte desta categoria os salmos 1; 19.8-15; 34; 37; 49; 73; 78; 111; 112; 119; 127; 128; 133 e 139.

<sup>2</sup> É importante compreender teologicamente estes termos. Os salmos descrevem os “justos” como aqueles que mesmo não tendo justiça própria, mantêm um relacionamento correto com Deus, confiando na salvação prometida e vivendo pela promessa da aliança. Os “ímpios”, pelo contrário, são aqueles que desprezam a Deus e sua Palavra, e, consequentemente, seguem vivendo em seus pecados e sem perdão.

<sup>3</sup> BECKER, 2013, p.218.

salmos: (1) que façamos da revelação de Deus uma fonte de reflexão constante e (2) que sigamos com coragem e confiança o caminho que essa revelação nos ensina.

O texto de **Filemom 1-21** nos traz reflexões profundas a respeito do perdão e da liberdade que todos temos em comum no Salvador Jesus. Por isso, o próprio Lutero escreve que “esta epístola apresenta um enternecedor e magistral exemplo de amor cristão”<sup>4</sup>. Este exemplo se refere à maneira como Paulo abraça a causa do pobre Onésimo, que muito provavelmente havia enganado ou traído o seu amo, tendo que fugir para não ser punido conforme regiam as leis da época. Onésimo conheceu Paulo na prisão e veio a se tornar um seguidor de Jesus. Por isso, Paulo escreve a carta para pedir que Filemom perdoe o seu servo e o receba de volta, não mais como um escravo, mas como um “irmão no Senhor” (v.16). Ele abre seu argumento ainda na oração inicial, quando ele diz: *“Oro para que a comunhão da sua fé se torne eficaz no pleno conhecimento de todo o bem que há em nós, para com Cristo”* (v.6 – NAA). É significativo que Paulo use o termo **κοινωνία** para se referir à comunhão que temos por meio da fé em Jesus. Para ele, todos os que creem são “parceiros iguais” que compartilham do mesmo dom da graça e do amor de Deus em Cristo. Este princípio está na base do argumento de Paulo. Por isso, mais adiante ele diz: *“se você me considera companheiro (κοινωνόν), receba Onésimo como você receberia a mim”* (v.17). Ou seja, por meio destas palavras, Paulo mostra a Filemom que todos compartilhamos da mesma necessidade de perdão. Diante da cruz, todos somos iguais, logo, por meio da fé, Onésimo e Filemon agora faziam parte da mesma família. Dentro da temática proposta, chama atenção o que Paulo diz a Filemon no versículo 19: *“É claro que não preciso dizer que você me deve a própria vida”* (NAA). Assim como Onésimo, é muito provável que Filemon tenha chegado à fé por meio da pregação de Paulo. “Ambos eram seus filhos espirituais”<sup>5</sup>. Por esta razão, Filemom devia a ele não dinheiro, mas todo o seu ser. Ou seja, Paulo parece demonstrar que ao apresentar o Evangelho a Filemom, ele estava colocando diante deste um caminho novo e único, um caminho que leva à vida. De maneira que Filemon está, de certa forma, “em dívida” com Paulo, pois este fora um instrumento de Deus para o resgatar dos seus pecados e do caminho da morte. Assim como no Salmo 1, a verdadeira vida está atrelada ao conhecimento e à fé nas Palavras e promessas de Deus, mais particularmente na mensagem de perdão e paz que nos é oferecida por meio do Evangelho de Jesus Cristo.

No texto de **Lucas 14.25-35** Jesus nos apresenta a natureza incondicional do discipulado. A multidão que acompanhava Jesus certamente não tinha ideia do seu destino.

---

<sup>4</sup> LUTERO, 2003, p.149.

<sup>5</sup> ROBBINS, 1988, p.459.

Ninguém imaginava que algo tão medonho e terrível como a cruz estaria no final da trilha pela qual o Senhor caminhava. Neste sentido, Jesus parece dar um “choque de realidade” naqueles que o acompanhavam. Ele mostra que ser discípulo implica necessariamente em renúncia e sofrimento. Em certos momentos, até mesmo os membros mais íntimos da família podem ser hostis à dedicação de uma pessoa ao discipulado. Nestes casos, devemos escolher a Jesus. Por isso, ele reivindica nada menos do que o primeiro lugar na nossa vida. Embora alguns vejam isso como um escândalo, existe um aspecto profundamente consolador neste ensino. Afinal, se tivermos Jesus como o nosso primeiro amor, mesmo que percamos todo o resto, ainda teremos o seu abraço. O texto nos mostra que verdadeiro discípulo também deve levar a sua cruz (v.27). E isso significa renunciar aos seus interesses e até mesmo à própria vida em nome do testemunho e da fidelidade a Jesus Cristo. É aceitar plenamente as consequências do discipulado – a vergonha, a solidão e a hostilidade daqueles que lutam contra a causa do Evangelho<sup>6</sup>. O chamado de Jesus parece ser radical, e de fato é, mas caminhar sozinho é muito pior, ou melhor, é impossível. Nosso Senhor nos ensina a calcular os custos, ou “colocar na balança” se realmente vale a pena segui-lo. Isoladamente, esta passagem não parece ser muito encorajadora para nós, mas é fundamental que a compreendamos dentro do todo da mensagem do Evangelho. A promessa de Deus é que todos aqueles que creem em Cristo como seu Senhor e Salvador recebem dele o perdão e a vida eterna (Jo 3.16). Esta confiança é demonstrada pelo apóstolo Paulo quando ele diz que “*os sofrimentos do presente não podem ser comparados à glória que está por vir*” (Rm 8.18). Nesta perspectiva, seguir a Jesus se torna um grande privilégio. Deus nos mostra que a balança pesa infinitamente mais para o lado do Evangelho, pois somente nas palavras e promessas de Jesus é que nós encontramos a verdadeira vida.

Finalmente, chegamos ao texto de **Deuteronômio 30.15-20**, e para compreendermos esta passagem é fundamental que observemos o seu contexto. Depois de quarenta anos vagando pelo deserto e diversas disputas, o povo de Israel finalmente está prestes a entrar na terra prometida. O texto em questão faz parte do quarto e último discurso de Moisés à congregação de Israel, que se inicia no capítulo 29. O velho Moisés, já com 120 anos de idade, sabendo que ele mesmo não entraria na tão esperada Canaã (Nm 20.12; Dt 3.21-29), reafirma ao povo a Aliança (Dt 29) e as Promessas de Deus (Dt 30.1-14). Em todo o discurso, Deus exige que seu povo seja fiel às suas Palavras. Este é o princípio fundamental do Primeiro Mandamento (Êx 20.1-3; Dt 6.4) e perpassa toda a narrativa bíblica. De maneira que, para Deus, a fidelidade não é uma simples escolha, é uma questão de vida ou morte.

---

<sup>6</sup> TOLBERT, 1983, p.149.

É importante que compreendamos o sentido dos termos “vida” e “morte” neste texto. A vida (חַיִּים) que Deus promete está aqui associada à plenitude viver. Ela engloba tanto uma felicidade terrena quanto as bem-aventuranças espirituais e eternas. Já o termo morte (מָוֶת) se refere ao oposto de tudo isso<sup>7</sup>. Ou seja, ao escolherem a segunda opção os israelitas estariam jogando fora todas as bênçãos oferecidas por Deus.

O Senhor coloca diante de seu povo duas realidades totalmente distintas: a vida e o bem x a morte e o mal (v.15). Esta escolha entre bem (טוֹב) e mal (רַע) já esteve diante dos primeiros seres humanos (Gn 2.16-17), mas tragicamente eles fizeram a escolha errada (Gn 3.6). Sendo assim, podemos dizer que estes conceitos antagônicos caminham juntos desde os primórdios da criação.

A linguagem utilizada por Deus remonta também às promessas de paz e prosperidade feitas aos patriarcas. As opções são claras: se o povo amar o Senhor e guardar os seus Mandamentos, eles poderão desfrutar de uma vida feliz e próspera em sua nova terra (v.16). Mas se eles se desviarem destes Mandamentos e se deixarem seduzir por outros deuses, "certamente perecerão" (v.18). O verbo perecer (פָּרַעַ) tem aqui um sentido de “punição após um justo julgamento”<sup>8</sup>. Neste caso, da parte do próprio Deus. Embora pareça uma escolha fácil, por duas vezes o Senhor tem o cuidado de dizer: “escolham a vida” (v.19-20). Esta declaração é inseparável da Aliança de graça que Deus já estabelecera com seu povo. Ou seja, Deus não está propondo algo totalmente novo, mas está fazendo um convite gracioso para que eles continuem a viver perto dele e conforme a sua vontade. Israel é chamado não apenas a amar e obedecer, mas a “agarrar-se” (דָּבַק) fielmente ao Senhor Deus.

Fato é que a proposta de Deus exige do povo uma decisão. Aliás está é a única vez em todo o Antigo Testamento que o verbo בָּחַר (escolher) é dirigido aos seres humanos. Israel deve escolher aquilo que há de mais precioso nas promessas de Deus. Escolher a vida! Porém, como foi mencionado, a resposta positiva seria possibilitada unicamente pela ação graciosa de Deus. Escolher a vida é confiar nas promessas do Senhor (v. 20) e tal escolha fará toda a diferença.

A história de Israel demonstra claramente que eles desprezaram e rejeitaram de várias formas esta vida plena que Deus lhes reservara por meio de sua graça. Através de seus muitos pecados e idolatria, eles escolheram a morte ao invés da vida. Consequentemente, eles tiveram de enfrentar inúmeras dificuldades, como a perseguição e o exílio. Porém, nada disso impediu que Deus fosse fiel à sua promessa de enviar o Salvador do mundo (Gn 3.15). Por

---

<sup>7</sup> BROWN, Hebrew and English Lexicon - Bible Works 10.

<sup>8</sup> BROWN, Hebrew and English Lexicon - Bible Works 10.

meio de Jesus e sua obra, Deus ainda oferece vida e vida em abundância (Jo 10.10) a todos os que ouvem e creem em sua santa Palavra.

## **ALGUNS DESTAQUES COM VISTAS À PREGAÇÃO**

TEMA: “Uma questão de vida ou morte”

Em primeiro lugar, acredito que precisamos tratar este assunto com a devida seriedade. Embora tenha dado destaque ao texto de Deuteronômio, acredito que todas as perícopes indicadas pela Trienal são extremamente ricas em conteúdo, podendo ser usadas para enriquecer o sermão. O texto de Provérbios 8.32-9.18, que trata a respeito da “Sabedoria” divina, também nos oferece excelentes subsídios para tratarmos a respeito do perigo de fazermos a escolha errada; preferindo os prazeres deste mundo e dando ouvidos à voz da “loucura”. Embora sejam atrativos, muitos destes prazeres nos desviam da Palavra de Deus, e, conseqüentemente, nos conduzem à morte.

Lei e Evangelho parecem estar bem definidos em nosso contexto. Deus é justo! Ele deixa claro que aqueles que desprezam as suas promessas e não levam a sério o seu gracioso convite não podem ter outro destino a não ser a morte e a condenação. Por outro lado, ele promete paz, felicidade, vida plena e eterna àqueles que atendem o seu chamado e permanecem fiéis a ele.

Tenho a impressão de que como pregadores, muitas vezes nós não nos damos conta que a mensagem que proclamamos semanalmente em nossas igrejas é uma mensagem poderosa de vida e morte. Por meio de nós, Deus ainda coloca diante de seu povo as mesmas realidades antagônicas, estendendo a todos o seu gracioso convite: “Escolham a vida!”

O Deus que servimos não é um Deus tirano que obriga e impõe, antes, é um Deus gracioso que chama, promete e convida com amor.

Quando olho para Moisés, vejo um homem de fé. Um alguém que, ao ser guiado por Deus, experimentou o quão maravilhoso é fazer a escolha certa. O grande líder do povo escolhido, que chegou ao fim de sua caminhada terrena com o coração alegre e cheio de esperança. A esperança divina de quem conhece e confia plenamente em Deus, e por isso sabe que a morte não é o fim. Mesmo estando ciente que não entraria na terra que “mana leite e mel”, Moisés sabia que Deus lhe havia preparado uma Pátria Celeste. Agora, já cansado de liderar, ele ainda faz questão de transmitir ao povo a coisa mais importante que ele aprendeu durante toda a sua vida: o que importa é amar a Deus e confiar em suas promessas.

Escolher a vida é escolher a Jesus! O Jesus que convida: *“Venham a mim todos vocês que estão cansados e sobrecarregados, e eu os aliviarei”* (Mt 11.28 - NAA). O Jesus que promete: *“quem ouve a minha palavra e crê naquele que me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”* (Jo 5.24 - NAA). Como diz o apóstolo Paulo: *“Deus, sendo rico em misericórdia, por causa do grande amor com que nos amou, e estando nós mortos em nossas transgressões, nos deu vida juntamente com Cristo”* (Ef 2.4,5 - NAA).

E essa é a mensagem que somos chamados a proclamar neste final de semana e em todos os dias da nossa vida!

*Rev. Gerson Welmer Tetzner*